
O cientificismo na Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1881-1882) e os princípios formativos da imprensa espírita brasileira

Scientism in Journal of the Academic Society God, Christ and Charity (1881-1882) and the formative principles of the Brazilian Spirit Press

*Alessandro Santos da Rocha**

Resumo: O artigo apresenta uma análise sobre a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1881-1882)*. O objetivo da investigação foi identificar como a revista atuou na divulgação do Espiritismo, estabelecendo conceitos formativos que tinham em pauta a disseminação de premissas científicas. Por meio da pesquisa documental e bibliográfica, foram analisadas as publicações que abordavam a concepção de ciência, recorrente entre os seguidores do Espiritismo brasileiro, que escreveram para o periódico analisado. A investigação apontou que o cientificismo era constante na revista, estabelecendo aproximações entre a ciência material e a ciência espiritual. A busca por cientificidade pode ser entendida, ainda, como uma das maneiras que os espíritas brasileiros utilizaram para que a Doutrina Espírita fosse aceita num período, em que o Brasil acatava novos conceitos a favor do ideário da modernização.

Abstract: The article presents an analysis of the *Journal of the Academic Society God, Christ and Charity (1881-1882)*. The objective of the research was to identify how the journal acted in the dissemination of Spiritism, establishing formative concepts that had as its theme the dissemination of scientific premises. With the documentary and bibliographical research were analyzed the publications that approached and the conception of science present among the followers of Brazilian Spiritism and who wrote for the analyzed journal. The research pointed out that scientism was constant in the journal, establishing approximations between material science and spiritual science. The search for scientificity can also be understood as one of the ways that Brazilian Spiritists used for the Spiritist Doctrine to be accepted at a time when Brazil accepted new concepts in favor of the idea of modernization.

* Doutor em História da Educação. Professor no Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional de Cianorte. *E-mail:* asrocha2@uem.br

Apresentação

A imprensa tem sido analisada como fonte significativa para a escrita da História da Educação do século XIX, sobretudo, ao visar o entendimento de temas que circulavam em locais capazes de formar a opinião pública. Jornais, revistas, panfletos e folhetins publicaram debates dos mais variados, e mesmo que não revelassem o interesse imediato em serem órgãos educativos, configuravam-se espaços apropriados para a formação de ideias que preconizavam de comportamentos a modos de pensar.

Na imprensa periódica oitocentista, por exemplo, encontramos os princípios daquilo que ficou conhecido como a modernização do Brasil, numa clara tentativa de impulsionar os valores que apregoavam o progresso da Nação, a partir de temas variados, como o desenvolvimento da ciência e a separação entre Estado e Igreja.

Alguns periódicos voltavam-se para questões temáticas, como aqueles que propalavam ideias políticas, assuntos religiosos ou, ainda, matérias direcionadas a segmentos específicos. Nestes termos, vislumbramos que a imprensa periódica serviu a grupos específicos que não destoavam dos clamores postos na sociedade. Exemplarmente, podemos destacar os periódicos da imprensa espírita brasileira dos anos oitocentos, que faziam ecoar assuntos que iam ao centro das questões postas pela sociedade imperial (ÍSAIA, 2012).

Os primeiros seguidores do Espiritismo no Brasil se incumbiram de divulgar a doutrina criada pelo francês Allan Kardec. Nos dias atuais, sabemos que a imprensa espírita ocupa parcela significativa do mercado editorial brasileiro.¹ Partindo de tal premissa, neste artigo consta uma análise do surgimento do referido segmento, apontando para a publicação de uma das primeiras revistas feitas no Rio de Janeiro, a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*.

A participação da imprensa espírita foi crucial para que os interesses dos divulgadores do Espiritismo no Brasil fossem alcançados. De tal modo, observa-se que os periódicos que vieram a lume, procuravam fazer interlocuções com os temas que erigiam a modernização do País.

O debate sobre a modernização do Brasil, no século XIX, estava destinado a fazer com que as velhas formas conservadoras, herdadas do período colonial, cedessem lugar a novos modelos, iniciando um período de desenvolvimento econômico e cultural. Exemplarmente, temas como o fim do trabalho escravo, a urbanização do Brasil, e os vínculos entre Estado e Igreja deveriam ser repensados.

As hipóteses que guiaram a investigação pressupõem que o Espiritismo alcançou adeptos ao tratar de assuntos que compunham o debate sobre a modernização do Brasil. Ao propalarem que o Espiritismo configurava uma ciência, seguindo os princípios deixados por Kardec, os articulistas da imprensa espírita, especialmente, os membros da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade – responsáveis pelo periódico em análise – visavam validar os princípios cientificistas que inauguravam o debate oitocentista.

A imprensa espírita brasileira e a Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade

O Espiritismo surgiu na França, tendo por precursor, Allan Kardec, codinome de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), um professor preocupado com as inovações científicas de sua época e responsável por codificar as mensagens espirituais que resultaram no escopo da Doutrina Espírita. No *Livro dos espíritos*, publicado em 1857 e entendido como obra basilar do pensamento espírita, Kardec já expunha que o espiritismo era, primeiramente, uma ciência, para depois ser considerado uma filosofia e uma religião.

Todavia, a ciência de Kardec não poderia igualar-se nos princípios que cabiam aos domínios da Ciência Moderna, vista como “Ciência Material”, uma vez que não tratava de fenômenos manifestados em princípios mecânicos e físicos, porém, tratava de impor um tipo de estudo que analisava as manifestações dos espíritos. De acordo com Kardec, fazia parte do sistema científico a demonstração dos métodos analíticos, bem como funcionavam. Nas palavras do próprio Kardec:

Desde que a Ciência sai da observação material dos fatos, em se tratando de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjeturas. Cada um arquiteta o seu sistemazinho, disposto a sustentá-lo com fervor, para fazê-lo prevalecer. Não vemos todos os dias as mais opostas opiniões

serem alternativamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos, para logo depois aparecerem proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado (KARDEC, 2004, p. 38).

A discussão sobre os modelos científicos que deveriam dominar a explicação dos fenômenos do mundo era patente em diversas correntes teórico-filosóficas do século XIX. Ela ocupava as páginas da imprensa mundo a fora. Não meramente, o debate feito por Kardec também chegou ao Brasil, sendo viabilizado por meio da imprensa, que se encarregou de formular jornais e revistas específicos para anunciar os princípios kardecistas.

O primeiro jornal espírita brasileiro foi *O Écho d'Além Túmulo: monitor do Spiritismo no Brazil*, publicado em Salvador, Bahia, e tinha a frente o baiano Luiz Olympio Telles de Menezes (1898-1893). Desde seu início, a imprensa espírita ansiava em ser um projeto de instrução; desse modo, seu patrono informava que a finalidade era “instruir para se libertar, conquistando, assim, a ‘verdadeira felicidade moral’, era o que esse propagador da ‘nova revelação’ procurava defender” (FERNANDES, 2003, p. 39).

Segundo Fernandes (2003, p. 38), o modelo de instrução, desejado no início da imprensa espírita, estava em acordo com a necessidade de “[...] concatenar conhecimento científico e religiosidade [...] numa perspectiva progressista”. Como se percebe, o projeto inicial da imprensa espírita brasileira afinava-se com a perspectiva científicista da modernidade; não por acaso, no quarto número d’*O Écho d’Além-Túmulo...*, Luiz Olympio Telles de Menezes apresentou o entendimento sobre as contribuições científicas de homens notáveis da História da Ciência, senão, vejamos:

Neste ponto de vista todas as ciências, que nos fazem conhecer mistérios da natureza são revelações, e pode-se dizer que há para nós uma revelação incessante; a astronomia nos tem revelado o mundo astral, que não conhecíamos; a geologia, a formação da terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier, são reveladores (O ÉCHO D’ALÉM TÚMULO..., jan., 1870, n. 4, p. 153-154).

A atenção dispensada à Ciência Moderna no periódico repetiu-se nos demais jornais e revistas que vieram depois dele. Neste sentido, o primeiro jornal da Corte, a *Revista Espírita*, fundada em 1875, também apresenta contribuição significativa para a compreensão do desenvolvimento do espiritismo brasileiro. A *Revista Espírita* tinha seu escopo similar ao *Revue Spirite*, fundada por Kardec, em Paris, em 1858. Assim como o periódico parisiense, a *Revista Espírita* era o órgão de divulgação do Grupo Confúcio, que funcionou de 1873 a 1876. O periódico seguia as tendências científicas da época. Em seu primeiro número foi publicado que

as marchas das ciências, da indústria humana, as próprias descobertas materiais, encontraram em todos os tempos contraditores, negadores inconscientes e conscientes que buscavam estes pelo atraso da inteligência, aqueles pelos choques que experimentavam suas conveniências materiais, embaraçar o adiantamento do mundo. Não devemos, pois estranhar que a ciência espírita tenha negadores e acérrimos contraditores, tanto mais fortes quando percebem que, em suas deduções psicológicas, tende deitar por terra a moral estragada da generalidade dos homens (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 4).

O editor da *Revista Espírita* reconhecia que o legado cientificista tinha feito descobertas materiais inigualáveis, contrariamente, segundo ele, alguns “negadores inconscientes” da ciência não avançavam para além do mundo material. Quando do nascimento da ciência moderna, houve o rompimento com as tradições metafísicas, que eram utilizadas para expor como os homens poderiam ter domínio sobre o mundo. Esse controle sobre a natureza explicava as questões mundanas por meio de uma “filosofia natural”.

Quando da publicação do terceiro periódico espírita brasileiro, em 1881, a necessidade da autoafirmação da doutrina espírita, enquanto uma Ciência, torna-se imprescindível. É neste contexto que a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* teve sua primeira publicação, no mês de janeiro de 1881. Até o seu encerramento, em julho de 1882, foram publicados dezoito números e em todos continha a peculiaridade de tratar questões da doutrina espírita, a partir dos princípios científicas da época.

O periódico tinha a responsabilidade dos associados à Sociedade Acadêmica, que levava o mesmo nome do periódico: Deus, Cristo e

Caridade. Em sua maioria, pertenciam à elite da Corte e suas biografias dão conta do quanto se envolveram com as questões que ditavam a observação dos fenômenos físicos, mas também, ao adentrarem a referida sociedade, passam a defender os fenômenos imateriais. Os membros da Sociedade Acadêmica haviam frequentado outros círculos de discussões sobre a doutrina espírita; muitos deles eram dissidentes do Grupo Confúcio. Cabe destacar que, num primeiro momento, a instituição funcionou com o nome de *Sociedade Deus, Cristo e Caridade*, adicionando o termo “Acadêmico”, a partir de 1879, quando foi instituído um novo regulamento, pautado nos interesses de fazer estudos observacionais.

A partir do momento em que se torna Sociedade Acadêmica, passou a vigorar um padrão de expor os princípios do que era a ciência espírita.² Daquele momento em diante, a instituição cumpriria o interesse de outras sociedades científicas, criando cursos para o aperfeiçoamento dos seguidores da Doutrina Espírita, deixando os qualificados para fazerem a investigação metódica dos fenômenos espirituais.

Os redatores do periódico demonstravam os anseios em analisar a dita “ciência espírita” pelo mesmo prisma das demais correntes, que se afirmavam possuidoras de princípios metódicos das “leis imutáveis”, contemplados pela Ciência Moderna, ou seja, uma ciência de observação.

A revista alcançou um formato mais sistematizado, se comparada com os outros periódicos que a antecederam. Nela continha seções preestabelecidas de acordo com o tipo de texto que ocuparia suas páginas. A distinção mais visível, em seu formato físico – em relação aos dois outros periódicos espíritas aqui citados – ficou por conta da formatação adotada. A revista dividia-se em três partes: *Seção Livre*, *Seção Administrativa* e *Seção Editorial*. Além destas seções prévias, a revista ainda dedicava espaço para correspondências, índice e sumário.

De modo geral, os artigos publicados nas seções da *Revista da Sociedade Acadêmica* não possuíam identificação de autoria. Na maioria das vezes, informava apenas que o texto era originário de um membro da Sociedade Acadêmica. Tal fato não permite traçar o perfil de um único responsável por conduzir o periódico. Todavia, em alguns números, os editores da revista identificavam os colaboradores, todos eles faziam parte da Sociedade Acadêmica, com exceção, é claro, dos espíritos que comunicaram textos via psicografia mediúnica. O nome dos colabores vinha precedido pelo título dos artigos que foram encaminhados à diretoria. Abaixo, segue o exemplo:

Os dignos colaboradores espontâneos – encarnados e desencarnados – continuam com dedicação, e agora com mais fervor, a ofertar trabalhos para a *Revista*; entre os que recebemos, além dos já noticiados existem os seguintes: *Os tempos são chegados*, traduzido do francês pelo seu autor, Professor Casimir Lieutaud; *O Redivino*, pelo Dr. Francisco Raimundo Ewerton Quadros; *A Verdade*, pelo Sr. Francisco Maria Teixeira de Queiroz; *A emancipação dos escravos*, pelo Espírito José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco); *Primeiras lições de moral à infância*, tradução do Sr. Capitão Zeferino Candido de Oliveira Duarte; *A Pluralidade das existências*, pelo Sr. Manoel Rodrigues Fortes; *A Desencarnação*, pelo Sr. Francisco Pinto Brandão; *A comissão científica de S. Petersburgo*, pelo Professor Casimiro Lieutaud; *O Espiritismo*, por um positivista – resposta por outro positivista; *Hino a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* e uma poesia, *O Espiritismo*, por um sócio do Grupo Espírita – Caminheiro do Além túmulo; A Reencarnação; *O Espiritismo na medicina*; sobre a transformação do trabalho, por diversos espíritas (REVISTA DA SOCIEDADE..., out., 1881, n. 10, p. 314).³

Apesar de não ter um editor ou redator-chefe, é possível entrever o perfil dos articulistas que publicavam na *Revista da Sociedade Acadêmica...* Eles apresentavam características similares a dos intelectuais que escreviam para outros periódicos da época.

A qual ciência se referia a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*?

Para que o espiritismo pudesse ser qualificado como uma ciência, era necessário que suas práticas fossem equivalentes à de outras ciências, no caso, as ciências materiais. Assim, seus defensores buscavam aproximações entre o que era visto como científico e o modelo que pretendiam consolidar. Essa forma de pensar remetia-se ao paradigma da ciência moderna, na qual, a compreensão dos fenômenos demanda explicações pautadas na razão.

Os princípios que regiam algumas correntes científicas adentraram ao debate público, como, por exemplo, aqueles que defendiam o desenvolvimento das ciências físicas.⁴ De acordo com a Doutrina Espírita, a existência dos espíritos pode ser averiguada por meio dos sinais manifestados pelas almas desencarnadas. A comunicação dos espíritos era fundamentada por meio de médiuns,

sendo assim, um fato verificável. Em outras palavras, se houvesse o aceite de que os espíritos se comunicavam, tão logo, também, deveria ficar comprovado que existiam. Lewgoy (2000) define que diversos testes eram feitos para certificar a veracidade da comunicação espiritual, demonstrando que os espíritas necessitavam de prova experimental. Segundo o autor:

A evocação de espíritos era tida como prova experimental do espiritismo e tinha o seu ponto alto nas chamadas materializações, onde manifestações de ectoplasmas luminosos ultrapassavam a divisão entre espírito e matéria, e os espíritos movimentavam objetos, etc. (LEWGOY, 2000, p. 159).

Em concordância com Lewgoy (2000), Giumbelli (1997) afirma que a procura por comprovar a “cientificidade” do espiritismo não parece ter sido tarefa simples, visto a dificuldade que a doutrina espírita tinha em demonstrar a existência da vida após a morte, nos mesmos moldes utilizados pelas ciências materiais. A doutrina sofria com a falta de empirismo que facilitasse a observação lógica. Assim, restava aos seus adeptos criarem o seu próprio método, que foi delineado por meio da “observação da comunicação espiritual”.

[...] se os fatos a que aludimos se houvessem reduzido ao movimento mecânico dos corpos, a indagação da causa física desse fenômeno caberia no domínio da Ciência; porém, desde que se trata de uma manifestação que se produz com exclusão das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, visto não poder explicar-se por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo, que não guarda relação com alguma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, tem que abstrair da sua ciência e dizer a si mesmo que o que se lhe oferece constitui um estudo novo, impossível de ser feito com idéias preconcebidas (KARDEC, 2004, p. 41).

A perspectiva, presente nos intelectuais que escreviam para a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, era pautada na adequação de análises que se aproximavam dos princípios científicos modernos; entretanto, faltavam-lhes a perspectiva material. A materialidade de que necessitavam, segundo seus defensores, estava nas manifestações que estabeleciam.

No seu número 5, a revista apresentou o discurso do renomado cientista francês Camille Flammarion.⁵ Suas conjecturas assinalavam o interesse de alinharem-se às tendências científicas edificadas no ideário oitocentista. O discurso explicitava a concepção de ciência aceita para o período e o quanto faria os homens avançar. Nos seus dizeres,

em nenhuma época da história, jamais a ciência desenvolveu, diante do olhar pasmo do homem, horizontes tão grandiosos. Sabemos hoje que a *Terra é um astro*, e que *nossa vida atual se completa no céu*. **Pela análise** da luz, conhecemos os elementos que ardem no sol e nas estrelas, a milhões e trilhões de léguas do nosso observatório terrestre. **Pelo cálculo**, possuímos a história do céu e da terra em seu passado remoto como no seu porvir, que não existem para as leis imutáveis. **Pela observação**, temos pesado as terras celestes que gravitam na amplidão. O globo, onde estamos, tornou-se um átomo estrelar voando no espaço no meio das profundezas infinitas, e nossa própria existência sobre este globo tornou-se uma fração infinitesimal de nova vida eterna (REVISTA DA SOCIEDADE..., maio, 1882, n. 5, p. 118, grifo nosso).

Para que as ideologias do século XIX fossem aceitas, elas não hesitavam em buscar traços que as assemelhassem com o legado dos grandes nomes da ciência moderna, como, por exemplo, Bacon (1561-1626), Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), Descartes (1569-1650), Locke (1632-1704), dentre outros. Retomar os princípios científicos fazia com que se seguissem os mesmos princípios das ciências que já tinham sido aceitas.

Para o espiritismo, sendo uma ciência do invisível, era inevitável ir além da física. Assim, ao contrariar a ciência estabelecida apenas pelo mundo físico, a doutrina esbarrava nos princípios aceitos como científicos. Afinal, para os defensores de uma ciência material, aquilo que estivesse no plano metafísico era irreal, inverídico.

No quadro de debates ideológicos do Brasil oitocentista, a ciência e a moral tinham espaço até mesmo para fazer com que os homens respeitassem as noções de ordem, tão significativa para uma sociedade em transformação. Faz jus lembrar que, durante aquele período, outras tendências, ditas científicas, incorporavam as perspectivas de observação do invisível. A necessidade de comprovar fluidos, fenômenos e efeitos sem causas aparentes era o foco do espiritualismo.

Esse tipo de ciência acreditava nas “forças inteligentes” além da matéria, no entanto, não atribuía que estas forças vinham de espíritos (ARRIBAS, 2010). Seriam fenômenos com explicação física, ou decorrentes de reações químicas, biológicas, que podiam ser explicadas sem se ater aos espíritos desencarnados.

São chegados os tempos em que a ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual, e em que a religião cessara de conhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria; essas duas forças, apoiando-se uma sobre a outra e marchando de harmonia, se prestarão um mundo auxílio. Então a religião, não recebendo mais desmentido da ciência, adquiriria um poder inabalável por se achar de acordo com a razão e, e não lhe poderá opor a irresistível lógica dos fatos. Ao Espiritismo estava reservado o papel difícil, mas por isso mesmo glorioso de estabelecer a aliança da ciência e da religião (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan., 1881, n. 1, p. 3).

Não bastava ser uma ciência, ou apresentar aproximações com os modelos científicos em vigência, era preciso tecer diferenciações, ajuizando que o espiritismo era uma nova ciência, com outra forma de análise e método, capaz de estabelecer a comunicação espiritual e dela tirar proveitos morais. A concepção era defendida nos periódicos espíritas do Brasil oitocentista, mostrando que a ciência alcançada só seria a mais apropriada expressão da razão, quando fosse condizente com o desenvolvimento moral dos homens, a exemplo do que foi publicado pela *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. Para toda e qualquer tendência que requeresse o *status* de científica, primeiramente, teria que provar, metodicamente, os enunciados que fazia. Não foi diferente com o espiritismo!

A Ciência Espírita, que não é uma filosofia abstrata, entra na ordem das ciências positivas, e procura explicar todos os fenômenos naturais pelas leis naturais, que regem o Universo; e por isso não teme nem receia medir suas armas com as dos seus mais denodados adversários. Explicar todos os fatos e fenômenos psicológicos, de modo positivo e racional, tal é em parte a tarefa que se impõe os que estudam e ensinam esta ciência (REVISTA DA SOCIEDADE..., jun. 1881, n. 6, p. 187).

Allan Kardec, ao criar o espiritismo, afirmou que sua doutrina tinha características mais voltadas para aquilo que ele entendia como ciência, do que, propriamente, para uma filosofia ou uma religião.⁶⁶ Sandra Jaqueline Stoll afirma que a busca por um estatuto científico não era uma prerrogativa do espiritismo, “[...] mas outras doutrinas religiosas da época, passaram a reivindicar o estatuto de ciência. Dentre elas, a Teosofia e a Maçonaria” (STOLL, 2003, p. 34).

Por entender que suas premissas fundamentavam um modelo de ciência, dizia ele que: “Quem deseja tornar-se versado numa ciência tem que estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das idéias” (KARDEC, 2004, p. 43). Ao anunciarem os estudos que qualificavam como científicos, os intelectuais espíritas procuravam afastar os curiosos e aproximar da doutrina aqueles que estavam interessados em entender o mundo invisível, por meio de estudos dos fenômenos invisíveis.

A ciência espírita demonstra que o mundo espiritual não é uma coisa sobrenatural, mas ao contrário é uma força conscientemente ativa, origem de todos os fenômenos da natureza, até hoje são compreendidos, e por isso lançado para o domínio do fantástico, do maravilhoso e do sobrenatural (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n. 1, p. 3).

Invariavelmente, os espíritas alegavam que o espiritismo não se valia do que era inexplicável e, por diversas ocasiões, corroboravam a idéia de que a doutrina tratava de explicar a realidade natural.

Existia dentre os intelectuais oitocentistas a necessidade de implantar uma ciência que superasse as elucubrações dadas pela filosofia. Circulava, então, a crença de que o cientificismo, em seu viés prático e menos metafísico, conseguiria provar, por meio de demonstrações, algumas teorias que tinham se tornado “verdades” e gerava “certezas explicativas de mundo”. Nascia, naquele período, um novo “olhar científico” que impulsionava o projeto modernizador.

A certeza de que a ciência era a propulsora da verdade seduzia as mentes e instigava as tendências filosóficas a praticar o método empírico e racional, deixando de lado a metafísica de outrora. Essa forma de abranger a ciência encontrava força no projeto modernizador que adentrava as terras brasileiras. O olhar científico do século XIX significou

a radicalização da confiança no projeto moderno. [...] O projeto moderno europeu de conquista da história universal e de controle do sentido histórico, adaptando-o às novas circunstâncias do século XIX e racionalizando-o (REIS, 2005, p. 39).

Para que contemplasse os métodos observacionais, o espiritismo teria que comprovar a existência dos objetos que colocava em análise. Nesse sentido, não seria tarefa fácil evidenciar as comunicações espirituais, como sendo algo factível. A exigência decorria da modernidade, em que toda observação deveria prover em fatos observáveis. Em tais termos, referências metafísicas não deveriam permanecer.

A imagem “moderna” da ciência a que se fez referência aqui desempenha um papel decisivo e determinante na formação da ideia de progresso. Ela implica de fato: 1. a convicção de que o saber científico é algo que aumenta e cresce, e que atua mediante um processo para o qual contribuem, uma após outra, diferentes gerações; 2. a convicção de que esse processo, em qualquer uma de suas etapas ou de seus momentos, jamais é completo: ou seja, que não necessita de sucessivos acréscimos, revisões ou integrações; 3. enfim, a convicção de que existe de certo modo uma tradição científica que tem características específicas [...]. (ROSSI, 2000, p. 49).

O método da ciência espírita consistia na comprovação dos abalos feitos em objetos inanimados, como nas mesas que giravam, bem como na comunicação espiritual. Acreditavam, então, que estariam colocando em prática o método da observação nos mesmos quesitos feitos pelas ciências da natureza. A explicação se deu do seguinte modo:

A missão da ciência é descobrir as leis da natureza; ora, como essas leis são obras de Deus, não podem ser contrárias as religiões fundadas sobre a verdade. Lançar o anátema do progresso como atentatório à religião, lançá-lo igualmente sobre a obra de Deus; é ainda trabalho inútil, porque todos os anátemas do mundo não impedirão a ciência de marcha, e a verdade se tornar patente (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan., 1881, n. 1, p. 10).

Ao apresentar o espiritismo dessa maneira, os periódicos adequavam-se aos tempos em que os homens “respiravam a ciência” (SCHWARCZ,

1993). No caso específico do espiritismo, esse fato se daria como uma vantagem, pois uniria a ciência com a religião na busca por uma síntese que estivesse mais próxima da modernidade e de suas contendas. Foi esse diálogo que os periódicos espíritas estabeleceram. Para aquele período, a grande marca do espiritismo foi ser uma ciência que fornecesse subsídios morais e não apenas recompensas materiais.

A imprensa espírita apresentava as construções ideológicas que a sociedade brasileira esperava da ideia de ciência. Sendo assim, alimentava a esperança de dissolver o legado conservador, as instituições aristocráticas e, enfim, mudar a política para dinamizar o País rumo ao progresso. Os periódicos espíritas deveriam instruir seus leitores para que praticassem a lógica científica, respeitando os princípios ditados pelos espíritos (GIUMBELLI, 1997). Essa estratégia era compartilhada na imprensa, mostrando que métodos de comprovação da comunicação espiritual partiam da razão. Nesse aspecto, os periódicos da imprensa espírita brasileira, ao divulgarem as ideias de Kardec, não tinham como se furta do prisma científico que a doutrina imputava.

Para praticar a ciência era preciso estudar os seus princípios. Nestes termos, a educação espírita deveria promover o estudo em locais propícios, ou seja, as reuniões espíritas. Conforme explica Damazio, estar nas reuniões era participar de encontros que ocorriam com a finalidade de fazer, desde a leitura das obras kardecistas até a realização dos estudos sistemáticos da física e da religião. Para qualquer integrante destas reuniões, o que se estava fazendo era um ato de ciência (DAMAZIO, 1994).

As instituições da época – como a *Sociedade Acadêmica...* – demonstraram que os anos oitocentos foram de inovações, estabelecendo ideologias que afirmavam-se a todo tempo como científicas. E, ao menos discursivamente, rompiam a metafísica e evocavam a instauração de concepções práticas, experimentais, empíricas ou simplesmente, observacionais. Esse processo se deu por rupturas e acirrou os conflitos, principalmente, nos diversos modelos que emergem na tentativa de dar explicações sobre a constituição e organização do mundo (SCHWARCZ, 1993).

O espiritismo era comparado com as outras ciências que se diziam reveladoras por apresentarem metodologicamente a explicação para a realidade. O estudo da realidade natural seria a via para alcançar o progresso ainda na Terra. Esta felicidade resultava dos avanços técnicos.

Em contrapartida, os homens teriam que dominar a natureza e transformá-la em inovações (ROSSI, 2000, p. 15). Contudo, também teriam que transformar as ações humanas, partindo de preceitos que fizessem os homens agirem moralmente. Por isso, era importante frisar que

os fenômenos físicos, sobre os quais a princípio não se sentiu, devem tornar-se o objeto da crítica experimental, sem a qual não é possível nenhuma verificação. Esse método experimental, a que devemos a glória do progresso moderno e as maravilha da eletricidade e do vapor, esse método deve compreender os fenômenos de ordem ainda misteriosos, a que insistimos em clarificá-los, medi-los e defini-los (REVISTA DA SOCIEDADE..., fev., 1882, n. 2, p. 34).

Os leitores da imprensa espírita vislumbravam-se no discurso científico do espiritismo, posto como o modelo ideal e mais louvável de alcançar o progresso. A disseminação da sua vertente científica se dava incessantemente, mas, na prática, o que acontecia era uma desconfiança, até mesmo por parte dos adeptos que iniciavam na doutrina (GIUMBELLI, 1997).

Conclusão

Implantar a ciência moderna, valendo-se do discurso cientificista foi uma alternativa encontrada pelos espíritas brasileiros oitocentistas. Eles vislumbravam a aceitação da doutrina, estabelecendo um modelo formativo daquilo que viria a ser o espiritismo brasileiro. Quando os intelectuais espíritas empregavam o discurso científico, tinham como propósito mostrar que existia veracidade nas manifestações espirituais, ao mesmo tempo em que queriam confirmar a doutrina kardecista.

Os espíritas concordavam com a ciência moderna e seus métodos, mas se fechavam à impossibilidade de abarcar a análise do invisível, uma vez que ela proporcionava o contato com o mundo invisível. Exemplo disso foi a defesa que fizeram ao retomar os pensadores modernos, afirmando que “uma ciência deve ser, na expressão de Bacon, um rico celeiro para servir a glória de Deus e ao bem-estar do homem” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jul., 1881, n. 7, p. 206).

A dificuldade na aceitação do espiritismo, como uma nova ciência, principalmente por parte de intelectuais ligados às ciências materialistas

da época, revela que a *doutrina espírita* esteve longe de exercer hegemonia (GIUMBELLI, 1997). Pesavam para os crédulos na ciência material as contestações que colocavam barreiras difíceis de serem transpostas.

Exemplarmente, os espíritas dos anos oitocentos buscaram, nas páginas da imprensa, divulgar a doutrina que eles alegavam ser científica e que se emparelhava com os argumentos que compunham a ciência corrente no período.

Apesar de a imprensa espírita ter o seu foco principal na disseminação do legado científico-doutrinário, isso não a eximiu de expor que somente as ações vindas da comunicação espiritual eram as mais adequadas. Pelo contrário, as atitudes humanas deveriam estar sempre presentes, mesmo quando não fossem consultados aos mortos.

Propagar uma concepção específica de ciência, que não deixasse de lado o grande legado configurado na modernidade, tornou-se o sustentáculo da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. Estratégia pode ser vista como uma abordagem formativa e que necessitava de distinções, sobretudo, para diferenciar-se do materialismo que ocupava as ciências materiais. Sendo assim, os articulistas da *Sociedade Acadêmica...* atuaram na defesa do que asseveram ser uma nova ciência de observação: o espiritismo.

Notas

¹ Sobre o mercado editorial espírita nos dias atuais, sugerimos o artigo intitulado: Quem lê livros espíritas, Ana Cláudia da Silva e Verônica Bemvenuto de Abreu Silva (2019).

² Apesar de se considerar uma instituição acadêmica, o art. 3º dos Estatutos advertia para: “A Academia não conferirá títulos científicos, mas criará cursos que habilite seus membros para os exames de faculdades oficiais” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n., p. 16).

³ Para consultar a biografia dos membros da *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e*

Caridade, bem como de outros espíritas brasileiros, sugerimos o livro organizado por de Zeus Wantuil (2002), intitulado *Grandes espíritas do Brasil*.

⁴ Vide a inserção do Positivismo nos círculos letrados.

⁵ Nicolas Camille Flammarion (1842-1925), conhecido apenas como Camille Flammarion foi um importante astrônomo francês que também atuou em estudos sobre a psique humana.

Referências

- ARRIBAS, C. G. *Afinal, espiritismo é religião?* São Paulo: Alameda, 2010.
- DAMAZIO, S. F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- FERNANDES, M. O. *Vozes do céu: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil*. São Paulo: Mandacaru, 2003.
- GIUMBELLI, E. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- ÍSAIA, A. C. A República e a teleologia histórica do espiritismo. In: ISAIA, A. C.; MANOEL, I. A. *Espiritismo & religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais* (org.). São Paulo: UNESP, 2012. p. 103-117.
- LEWGOY, B. *Os espíritos e as letras*. 2000. 353f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- REIS, J. C. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.
- ROSSI, P. *Naufraágios sem espectador: a ideia de progresso*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, A.C.; SILVA, V. B. A. Quem lê livros espíritas? Revista de *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 57, jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018578>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- STOLL, S. J. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp; Orion, 2003.
- WANTUIL, Z. *Grandes espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

Fontes:

- KARDEC, A. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.
- O ÉCHO D'ALÉM TÚMULO: monitor do espiritismo no Brasil. Salvador: Tipografia do Diário da Bahia, 1869-1870, Bimestral.
- REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro: Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, 1881-1882, Mensal.
- REVISTA ESPÍRITA: publicação mensal de estudos psicológicos feita sob os auspícios de alguns espíritas. Rio de Janeiro: Tipografia de Domingos Luiz dos Santos, 1875, Mensal.

